

OS FANTÁSTICOS DETECTIVES E INVESTIGADORES



em acção no colégio almeida garrett

JOÃO JOSÉ E S.

edita-me

1

*Quem nunca teve preguiça na hora de levantar,
Não sabe como é bom fazê-lo assim devagar.*



Quando a Irene entrou no quarto do filho, ele ainda dormia profundamente.

— Fanisco... — chamou ela, baixinho.

De olhos bem fechados, e sem se conseguir mexer, o Francisco respondeu à mãe como em todas as manhãs:

— Já vou, *mammie*... Só mais um bocadinho...

— Levanta-te, Fanisco. A Miana já está lá em baixo à tua espera — continuou, enquanto lhe apanhava a roupa do dia anterior, que estava espalhada pelo chão.

— Só mais cinco minutos... Diz-lhe que eu já vou... — respondeu, enquanto a mãe lhe abria a janela do quarto.

O Francisco era sempre o último a levantar-se lá em casa. Custava-lhe imenso sair da cama de manhã.

Esticou todos os músculos do corpo ainda debaixo dos lençóis, e só quando se sentiu completamente acordado, é que abriu os olhos e se sentou na cama. Calçou os chinelos e foi até à janela.

Apesar de ser Dezembro, estava uma bela manhã de Sol. Como o quarto do Francisco é no sótão da casa, ele da janela consegue ver todo o largo onde mora:

O Largo Ramalho Ortigão.

Do lado oposto à casa dele, fica o colégio onde estuda:

O Almeida Garrett.

Aquela hora da manhã, o movimento no largo é sempre intenso. Faltavam apenas vinte minutos para o início das aulas e, por isso, já eram muitos os alunos que iam chegando.

O Francisco, ou Fanisco como todos o chamam desde pequenino, tem onze anos e é um bocadinho forte para a idade. Mas detesta que lhe digam que ele come de mais ou que o chamem de gordo.

Quando acabou de se arranjar, desceu para o pequeno-almoço.

— Bom dia! — disse, assim que entrou na cozinha.

— Olá! — respondeu-lhe a irmã que já tinha terminado a sua primeira refeição do dia e estava agora sentada, a um canto da cozinha, de casaco vestido e mochila às costas, mais que pronta para sair de casa. — Despacha-te para irmos! — refilou.

A única irmã do Fanisco chama-se Maria Ana, mas todos a tratam por Miana. Tem seis anos e anda, nesta altura, no primeiro ano, a aprender a ler e a escrever.

Antes de se sentar à mesa, o Fanisco ainda foi dar um beijo ao avô, que lia o seu jornal desportivo, e espreitou a primeira página para ler "*as gordas*".

— Não vais ter teste? — perguntou-lhe o avô, enquanto o via a encher, calmamente, o copo com sumo de laranja.

O avô Afonso mora com eles e todos o tratam pelo nome que o neto lhe chama, desde que começou a falar.

— Vou, Avônso... É de português... É fácil... — disse o Fanisco, com um ar despreocupado. — Já sei aquilo tudo...

— Sim, porque a Ipê já ligou para saber se demoravas muito. — acrescentou a Miana, que já estava de pé.

Ipê é o nome pelo qual todos tratam a Inês Pedro, a vizinha deles. Estuda na mesma turma do Fanisco e mora com o pai, na casa ao lado da deles.

Em menos de cinco minutos já os irmãos estavam prontos para sair de casa.

— Espera aí... — disse o Fanisco, assim que a Miana abriu a porta de casa. — Vou dar um toque à Ipê para ela descer...

— Não é preciso. Eu já estou aqui! — disse-lhe a amiga, que já os esperava na rua. — Até que enfim, menino Fanisco! Vamos ter teste ao primeiro tempo, não sei se sabes...

— Eu sei, Ipê... Não *stresses*... Ainda faltam três minutos... — respondeu-lhe, enquanto atravessavam o largo em passo apressado.

Assim que os três cruzaram o portão do colégio, alguém começou a chamar pelo Fanisco de uma das janelas do rés-do-chão. Era o Dami, o grande amigo dele, que só sai de casa quando o vê chegar.

O Daniel Miguel (ele detesta que o tratem assim) mora no colégio. O pai, o Sr. Lourenço, é o vigilante interno e a mãe, a Dona Maria, a quem todos tratam por Mariazinha, também lá trabalha como cozinheira na cantina.

A casa deles fica no rés-do-chão do palacete e tem uma ligação directa para a cabine da portaria, onde o Sr. Lourenço está a maior parte do tempo. O Fanisco e o Dami são amigos desde sempre, e são da mesma turma desde o infantário.

— Só agora? — disse o Dami, enquanto galgava a janela do quarto, para ir ter com eles. — Estava a ver que nunca mais. Foram quase os últimos! — acrescentou.

— Desculpa lá o atraso, Dami... Adormecemos todos... — inventou o Fanisco.

A Miana é que não gostava nada de chegar atrasada e, por isso, já seguia mais à frente para a sala dela.

— Despachem-se, ou ainda chegamos atrasados ao teste! — disse a Ipê, tentando acelerar-lhes o passo.

— Teste??? — espantou-se o Dami.

O Dami parecia ter sido apanhado de surpresa. Como sempre, tinha-se esquecido e não tinha estudado nada.

— Sim... A Português... — repetiu o Fanisco, enquanto lhe dava

um *calduço*. —Esqueceste-te outra vez?... Já estou mesmo a ver... Vais tentar copiar por mim...

—Lá terá que ser... —concordou ele, a rir-se. —Os amigos são para as ocasiões.

—És sempre a mesma coisa, Dami — censurou-o a Ipê, quando já estavam a chegar à porta da sala.

Quando entraram, a professora Paula já distribuía os enunciados pelos colegas.

—Vamos, meninos, sentem-se —ordenou, quando os viu entrarem na sala. —A partir de agora quero silêncio total!!!

E foi mesmo total o silêncio.

Durante noventa minutos só se ouviam as moscas que sobrevoavam a sala de aulas. Mas assim que tocou e a professora começou a recolher os testes, a barafunda recomeçou.

—Então? Era fácil, não era? —perguntou a Ipê, quando se voltaram a juntar os três no corredor.

—Mais ou menos. —respondeu o Dami, satisfeito. —A mim até me correu mais ou menos. —repetiu.

—Pois correu...—gozou-o o Fanisco. —A copiares por mim daquela maneira... A *prof.* quase que te apanhava... E depois quem ouvia era eu...

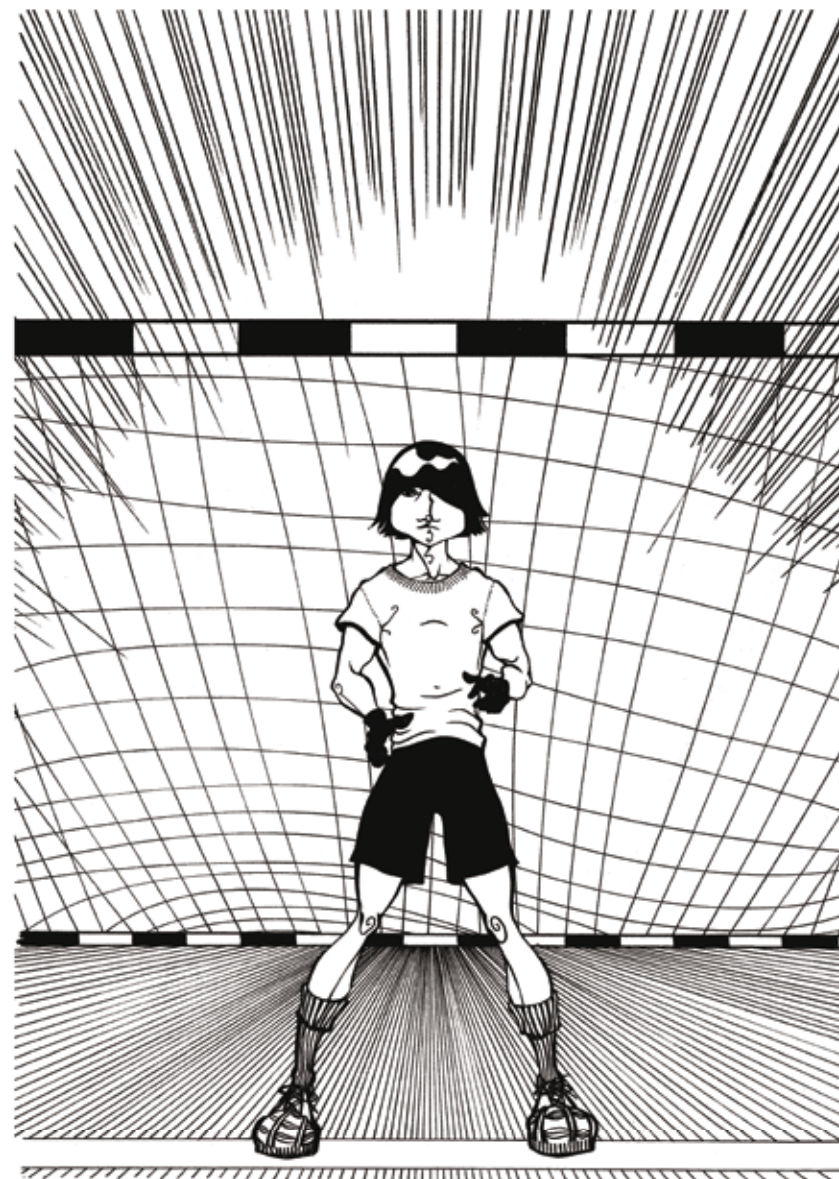
—Sim, Dami. Vê lá se comesças a pensar em estudar a sério! —acrescentou a Ipê, outra vez com ar de censura. —Não vais copiar por ele toda a vida!

—Eu sei. —envergonhou-se o Dami, com os olhos fixos no chão. —Mas agora não posso pensar nisso! Temos um jogo muito importante logo à tarde e eu preciso de estar muito concentrado, porque o Filipe vai ter de sair mais cedo, e eu vou ficar na baliza a segunda parte toda. —acrescentou, tentando mudar de assunto.

De facto, as atenções de todos estavam voltadas para a jornada do campeonato escolar de futebol que se ia realizar nessa tarde no colégio; por isso, as restantes aulas da manhã passaram demasiado devagar, quer para o Dami quer para o Fanisco.

2

*Vai ser amargo o sabor desta vitória
Mas isso é apenas o início de uma história.*



Depois do almoço, na cantina, todos se dirigiram para o campo de jogos. A partida dessa tarde ia ser contra os eternos rivais: A equipa do vizinho *Colégio Londres*.

Como sempre, o balneário estava dividido. Cada equipa tinha o seu banco. O Alberto, que é o vigilante dos recreios e do ginásio, já tinha distribuído os equipamentos pelos jogadores do *Almeida Garrett*. Agora cada um vestia a camisola com o seu número. A do Fanisco era a quatro e a do Dami a doze, a do guarda-redes suplente. Os calções e as meias eram iguais para todos e de um único tamanho.

Quando o Jorge se acabou de equipar, foi aos lavatórios molhar e pentear o cabelo. Depois voltou-se a sentar.

— Não me digas que ele vai trocar de sapatilhas! — disse o Dami, quando viu o colega mais velho pegar na mochila.

— Não as deve querer sujar... — disse o Fanisco, enquanto ajustava os calções, ainda sentado. — É mesmo vaidoso... — acrescentou.

— É para *se armar*... — acrescentou o Dami, a rir-se, enquanto experimentava as luvas que o Filipe (o guarda-redes titular) lhe ia emprestar para a segunda parte do jogo. — Tem a mania. — concluiu.

O Jorge é um dos alunos mais antigos do colégio e está convencido de que é o melhor em tudo, mas todos sabem que ele não é o melhor em nada. Tinha comprado, há pouco tempo, umas sapatilhas novas, iguais às que o Dami também queria. Já andava de olho nelas há mais de um mês e, depois de muito pedir, lá conseguiu convencer a mãe a dar-lhe o dinheiro para as comprar. Estava agora a escondê-lo no fundo da mochila. Quando o jogo terminasse, ia comprá-las.

Assim que acabaram de se equipar, o Fanisco e o Dami, juntaram-se aos colegas para ouvirem as últimas indicações do professor Bruno, o treinador da equipa. Depois, seguiram todos juntos para o campo.

Mal entraram, viram logo a Ipê e as amigas na bancada. Tinham uma claque muito bem ensaiada para essa tarde. E nem o facto de estar muito frio as demoveu de irem apoiar os amigos. Tinham feito uns pompons com as cores do colégio (amarelo e preto) e cada uma soprava o mais que podia no seu apito.

O apoio que vinha das bancadas era ensurdecedor. Agora, os jogadores, só tinham de demonstrar em campo que o mereciam.

Mas a primeira parte correu muito mal à equipa do *Almeida Garrett*. Ao intervalo, já perdiam por dois a zero.

A equipa parecia estar a acusar a responsabilidade por defrontar os grandes rivais do *Colégio Londres* e por isso o professor Bruno decidiu mudar de tática. Na segunda parte, jogavam em 2-2-2 em vez do habitual 3-2-1. Também teve de trocar de guarda-redes. O Dami

entrou para o lugar do Filipe, que já tinha avisado que não podia ficar para o resto do jogo.

As alterações animaram bastante a partida. A equipa começou a jogar melhor e, logo na segunda jogada, o Manuel fez o primeiro golo para os da casa, depois de um pontapé de canto, que o Vasco apontara directo à cabeça dele.

A partir de então, a pressão tornou-se ainda mais sufocante. O *Almeida Garrett* perseguia, a todo o custo, o golo do empate. O Vasco, que estava a fazer uma exibição quase perfeita na segunda parte, corria, agora, isolado para a baliza, após um passe feito com as mãos pelo Dami. Estava agora quase na cara do guarda-redes adversário. À saída deste, tentou fintá-lo mas atrapalhou-se e perdeu o ângulo para rematar. A única hipótese que tinha era passar para um colega que viesse atrás. E foi o que ele fez. De novo para a cabeça do Manuel, que fez a bola beijar as redes pela segunda vez.

Estava feito o mais difícil. Agora, bastava mais um golo e estavam na frente do marcador. Os cinco minutos finais prometiam ser emocionantes.

Durante mais um ataque da equipa da casa, um jogador do *Colégio Londres* fez uma falta, feia, à entrada da área. O árbitro nem hesitou em assinalar livre directo. Daquele sítio, era mesmo ao jeito do pé canhoto do Vasco. O capitão de equipa do *Almeida Garrett*, antes de partir para a bola, respirou fundo e olhou para o canto superior direito da baliza. Depois, chutou forte e rasteiro para o esquerdo, fazendo o terceiro golo.

A bancada quase vinha a baixo. Houve até uma pequena invasão de campo por alguns alunos do colégio que quiseram celebrar aquela reviravolta no marcador com os colegas. Mas o jogo ainda não tinha acabado. Faltavam dois minutos para o apito final.

O Fanisco, que tinha entrado depois do terceiro golo para reforçar a defesa, errou um passe e perdeu a bola. Não teve outro remédio senão puxar a camisola ao avançado do *Londres*, que já estava dentro da área. A falta foi tão evidente que ninguém discordou quando o árbitro apontou para a marca de grande penalidade. O Dami tinha de defender. A vitória dependia agora dele.

Antes de se posicionar no meio dos postes, o Dami foi ainda ver se a bola estava no sítio certo e voltou, muito devagar, para a baliza. Fez isto tudo para desconcentrar um pouco o adversário que ia tentar marcar o golo. O Fanisco tentou incentivar o amigo a emendar o erro infantil que ele próprio tinha cometido.

— Vê lá se não frangas, *Pitinhos*... — disse-lhe, muito alto, fazendo com que todos se rissem.

O Dami fingiu que não ouviu e estava com o olhar fixo na bola. O remate saiu muito forte. Tão forte que o Dami nem viu a bola passar por cima da cabeça dele.

Mas passou também por cima da trave. Para alegria da maioria dos presentes, a bola desapareceu para dentro do bosque. Alguns alunos do *Londres* ainda a foram procurar, quando o jogo terminou. Mas voltaram sem ela.

O Dami disse que, depois do duche, a ia procurar melhor. No caminho para os balneários, cruzaram-se com o Manuel, que regressava de lá com a pior das notícias.

—Assaltaram o balneário!!! —disse, parando de correr. —Acho que roubaram a tua mochila, Vasco! Onde é que está o *Berto*?

